

Sobre a transitoriedade

1. O belo trabalho de Sigmund Freud *Sobre a transitoriedade* (1916 [1915]/1992d), escrito com certa poesia e com um otimismo bastante insólito, já que foi redigido no começo da primeira grande guerra, faz parte de um volume comemorativo que foi publicado com o nome *Das Land Goethes, O país de Goethe*, no qual participaram outros prestigiados e conhecidos intelectuais de sua época.

Freud relata seus pensamentos depois de um bucólico passeio às Dolomitas com um jovem amigo poeta, do qual destaca o caráter taciturno. Esse amigo expressava, junto à admiração da bela natureza que os rodeava durante o passeio, sua impossibilidade de júbilo, já que toda essa beleza estava destinada a desaparecer no inverno, da mesma forma que todo o belo e nobre que os seres humanos puderam criar. Dali que a transitoriedade, à qual tudo estava condenado, restringia o valor de seu amor e admiração. E essa posição – que Freud entende e tolera, e que acho que em parte, representa seu próprio sentimento – é a que Freud pretende rebater e desmontar em suas reflexões.

2. Manifesta que, da extinção do belo e perfeito podem derivar dois diferentes movimentos, um que leva ao tédio em relação ao mundo, como no caso do jovem poeta, e o outro a uma rebelde revolta da alma.

Não! É impossível que toda essa beleza da Natureza e da Arte, do mundo de nossas sensações e do mundo externo, realmente venha a se desfazer em nada. Seria por demais insensato, por demais pretensioso acreditar nisso. De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar a todos os poderes de destruição.¹ (Freud, 1916 [1915]/1992d, p. 309)

Para, em seguida, acrescentar que esta exigência de eternidade transparece demais em nossa vida de desejo, o que lhe impede de reclamar seu valor de realidade. E continua com uma asseveração radical: que também o doloroso pode ser verdadeiro. Como se a eternidade do belo perdesse a verdade frente à realidade da dor da existência, ou como se

* Asociación Psicoanalítica Argentina. Asociación Psicoanalítica de Madrid.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 183 de: Freud, S. (1996). *Sobre a transitoriedade*. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 183 - 185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915]). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/Pf3uMYz>

no belo houvesse um rastro de mentira desejante, enquanto o verdadeiro fosse a dor da realidade.

Vale a pena fazer uma pausa para lembrar que já em *A interpretação dos sonhos* (1900/1991b), Freud plantou as bases da vida desejante, expressando que um elemento essencial da vivência de satisfação é a presença de uma percepção cuja imagem mnemônica ficará, dali para frente, associada ao rastro que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. Quando essa sobrevém outra vez, e graças ao enlaçamento assim estabelecido, acontece um movimento psíquico que busca investir outra vez a imagem mnemônica daquela percepção para reestabelecer assim a primeira satisfação. É uma moção dessa ordem a que denomina como desejo, *Wunsch*, enquanto seu cumprimento, *Wunscherfüllung*, é a reaparição da primeira experiência de satisfação. E Freud acrescenta que o caminho mais curto e imediato para esse acontecimento é o que leva da excitação produzida pela necessidade até a plena investidura da percepção. A primeira atividade psíquica desiderativa aponta para uma identidade perceptiva que consiste na imediatez repetitiva da primeira experiência de satisfação da necessidade. E justamente nesse momento, Freud nos introduz no primeiro drama subjetivo que poeticamente descreve como “uma amarga experiência vital” (p. 558), que subverte a atividade pensante primitiva, a mais curta e imediata, por outra mais de acordo com o fim, pois o puro investimento do rastro mnemônico da percepção da primeira satisfação não tem os efeitos econômicos associados com o investimento da percepção do mundo externo, a partir do “doloroso do verdadeiro” que produz a *Befriedigung*, apaziguante satisfação da necessidade. É bem sabido que a partir da mítica “amarga experiência vital” instala-se uma brecha permanente entre *Wunscherfüllung* e *Befriedigung*, de forma tal que toda *Wunscherfüllung* vai carecer da *Befriedigung*, e toda *Befriedigung* vai carecer da *Wunscherfüllung*. A *Befriedigung* que se produz pelo caminho da amarga experiência vital, o doloroso que pode ser verdadeiro, com fim de sobrevivência, implica em sua satisfação, ao mesmo tempo que a constatação da carência da primeira identidade; não porque antes a tivesse tido, já que nem sequer no momento mítico se coloca o problema da verdade e da identidade, mas depois, na passagem pelo outro exterior da realidade, impõe-se na amarga experiência vital a dura realidade, no mesmo instante em que a permanência na identidade se instaura como impossível.

É importante incidir então no problema da temporalidade, já que a *Wunscherfüllung* propõe um eterno presente, que é o que talvez defina melhor a eternidade, frente a um passado e a um futuro que implicam perda e incerteza, mas que, acima de tudo, ao abrir a dimensão do tempo como aquilo que transcorre, abrem também o caminho para a finitude.

3. Freud segue sua discussão com seu amigo pessimista, manifestando que a transitoriedade do belo, ao contrário, deveria aumentar seu valor, e que a restrição e a escassez temporal da possibilidade de gozo o tornam ainda mais apreciável; que a beleza da natureza se renova e pode adquirir quase valor de eternidade em relação com o lapso limitado de nossa vida, e que se houvesse um tempo em que as imagens e estátuas que hoje admiramos se destruíssem, ou que nos sucedesse um gênero humano muito diferente do nosso que não fosse sensível a essa beleza, ou uma era geológica em que tudo na terra se destruísse, o valor do belo estaria

igualmente valorizado unicamente por seu significado para nossa vida sensitiva, mais além da necessidade de sua existência exterior. Claro que se propõem aqui duas questões diferentes; uma, a da persistência do mundo exterior em sua realidade para além de nós mesmos; e outra, de igual importância, que é a de nossa própria permanência que nos permita gozar de nossa sensibilidade. Mas, para seu pesar, Freud percebe que sua reflexão não toca seu “jovem amigo” e atribui isso a um fator afetivo que relaciona com o luto, uma revolta anímica contra o luto que perturba o gozo do belo, já que, desejando a alma apartar-se de todo o doloroso, prefere menosprezar o prazer do belo devido a sua transitoriedade.

Freud inicia aqui uma digressão sobre o luto que antecipa algo de seu trabalho *Luto e melancolia* (1917 [1915]/1992a). Diz que possuímos uma capacidade de amor, de libido, que estando dirigida primeiramente sobre o ego, muito cedo se volta para os objetos que ficam assim incorporados ao próprio ego. Se os objetos se perderem ou forem destruídos, a libido fica disponível, em liberdade, para investir novos objetos ou voltar ao ego. Não obstante, pergunta-se por que o desapareço dos objetos resulta tão doloroso, ainda que haja um substituto que aguarda? Freud diz não o compreender, mas é evidente que a perda dos objetos implica também perdas do próprio ego.

Finalmente, refere-se a quão dolorosa é a guerra e a destruição de todo o belo que a mesma implica. No entanto, questiona se os bens perdidos realmente se desvalorizaram porque demonstraram ser perecíveis e frágeis. Conclui que quem pensa dessa forma se encontra em estado de luto pela perda, e acrescenta algo que acho que tem um valor fundamental:

O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos.² (Freud, 1916 [1915]/1992d, p. 311)

4. Freud incide novamente no ponto fundamental da temporariedade, no qual começa a suspeitar que o transitório, que não permite o deleite de seu jovem amigo poeta, não reside tanto na transitoriedade do mundo exterior, mas na transitoriedade do próprio sujeito. Como se o luto fundamental, onde incide a brecha permanente entre *Wunscherfüllung* e *Befriedigung*, implicasse a perda da eternidade do eterno “presente” imaginário da realização de desejos, dando lugar ao passado e ao futuro da dolorosa realidade temporal, na qual o sujeito advém à finitude, e para quem somente há consolo na esperança de que sobrevirá um futuro onde tudo se transformará, outra vez, em um presente perpétuo. Como diz Freud com estas suas maravilhosas palavras de consolo: “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes.”³ (Freud, 1916 [1915]/1992d, p. 311). Claro que aqui Freud não tinha escrito ainda seu impressionante *Além do*

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 185 de: Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 183 - 185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915]). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/Pf3uMYz>

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 185 de: Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 183 - 185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915]). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/Pf3uMYz>

princípio do prazer (1920/1992e) e seu não menos impressionante *Análise terminável e interminável* (1937/1991a).

Parece-me interessante lembrarmos de algo que Freud abordou em *Introdução ao narcisismo* (1914/1992c) e que vem bem ao caso. Comenta em um momento de seu trabalho que as pulsões libidinais isoladas das pulsões egoicas permitem, no âmbito do narcisismo, fazer inferências, retrospectivamente, a uma época em que ambas as pulsões atuavam conjuntamente em uma inseparável união. E nesse momento, insiste em que um amor feliz responde ao estado primordial em que a libido do objeto e a do ego coincidam, concluindo que, voltar a ser, como na mais tenra infância, seu próprio ideal, inclusive para as aspirações sexuais, seria a felicidade à qual aspiram os seres humanos, como se finalmente, nessa felicidade coincidissem, hipoteticamente, a *Wunscherfüllung* com a *Befriedigung* sem brecha alguma, o que descreveria, a meu ver, a essência do fenômeno da esperança.

5. Em *Tempo de mágicos*, Eilenberger (2019) insiste que, para Heidegger, a experiência perturbadora tem relação fundamental com a forma específica de uma temporalidade em constante fluir, na qual os seres humanos se tenham abstraído, uma experiência temporal que é também uma experiência de finitude. É importante constatar que o tema da eternidade não se apresenta frente aos entes não humanos, mas que se apresenta frente aos que, por nossa finitude, ao carecer da eternidade, o propomos como problema. Seguindo com Heidegger, é nas experiências mais radicais que surgem especialmente as grandes perguntas sobre o ser, quando se revelam a ausência de fundo e o profundo abismo existencial onde a experiência de proximidade da morte se anuncia na angústia e nas experiências da consciência moral. Tudo isto, precedido também por uma questão transcendental de como os seres finitos, sujeitos à temporalidade, podem chegar a uma concepção ou a um saber sobre objetos ou fundamentos que não estariam sujeitos à finitude e, portanto, à temporalidade mesma. W. Eilenberger segue expondo magistralmente na obra citada, a insistência heideggeriana em que a pergunta pela verdade só tem sentido para o sujeito finito; deus não se faria essa pergunta e, por conseguinte, a verdade do mundo e dos entes não seria nada sem essa pergunta e sem a insistência do sujeito temporal. E segue, tentando explicar, que o conceito de eternidade somente é possível devido a uma transcendência interna do tempo mesmo, como que a permanência na lembrança do passado, do presente e do futuro no próprio sujeito se externaria ao mundo exterior, como permanência de uma substância eterna. Essa última seria na verdade um erro metafísico, produto do imaginário temporal do sujeito finito.

6. Em um recente artigo (Szpilka, 2020), mencionei a T. Adorno, que em referência às circunstâncias que rodearam a nona sinfonia de Mahler, sintetizava com beleza a relação entre a dor do sofrimento e da criação: “somente enquanto uma lembrança, é doce a vida, e justamente isso é a dor”⁴ (par. 9). Também citei o belo capítulo do último livro traduzido de Israel Singer, *De um mundo que ya no está*. São interessantes observações de como se pode propor e experimentar o ser, a partir do reconhecimento da ausência, quase a partir da dor de sua eminência, no exato momento de seu desvanecimento. Um sentimento que nos é familiar ao olharmos

4. N. do T.: Tradução livre.

uma fotografia antiga. E o que não dizer a respeito, assumindo a importância que Freud deu ao conceito de *Nachträglichkeit* – posterioridade –, e à natureza quase sempre encobridora das lembranças...

Voltando a Heidegger, ao que, ainda que tenha rotulado de entediante por muitas razões no referido artigo, é, no entanto, importante destacar o valor de seu conceito de diferença ontológica, o ente não corresponde ao ser, e também constatar a dívida que tem com Freud. Em *Ser e tempo* (Heidegger, 1927) insiste na importância fundamental da temporariedade como experiência do ser em virtude da finitude, isto é, em deixar de ser. E reitero que o essencial é mencionar a angústia e a consciência moral como seus principais expoentes. Na dor que se sofre por angústia, sempre se “faz luto” pelo tempo. E por isso Freud, ao final de seu artigo sobre a transitoriedade, insiste no “enquanto ainda formos jovens e ativos”⁵ (Freud, 1916 [1915]/1992d, p. 311), já que por mais primaveras que retornem e por mais flores que voltem a florescer, só a presença viva do sujeito permite lhes dar significado e valor sensível, por que o único verdadeiramente transitório, a verdadeira *Vergänglichkeit*, é a do sujeito humano. E já expressamos acima que o mundo dos entes não se preocupa pela eternidade, apenas o sujeito finito, que não a tem, constrói o fantasma do eterno.

E vale a pena destacar a importante articulação entre a falta ontológica e a falta moral. A falta ontológica se revela em uma ruptura da transcendência interna do tempo, que desmente a ilusão metafísica de uma substância eterna. Por isso, tão bem dizia Adorno que a doce lembrança era também a da dor. E quero relevar o engaste da falta ontológica (o abismo de Heidegger, a castração em Freud) com a falta em termos legais que emerge na consciência moral. Por isso insisto na pergunta: por acaso há outra forma de “normalizar” a falta ontológica que desfaz a ilusão metafísica do ser substancial, do “há algo”, que transformando o que não pode ser, o ser fora da temporalidade e da finitude, em lei de interdição do incesto? Que o que não pode ser ontologicamente não possa ser por interdição legal: que com a mãe não possa ser! Disso resulta que Freud, ainda discriminando, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926 [1925]/1992b) articula a angústia com a dor e o luto. Como humanos, a falta ontológica se expressa, no melhor dos casos, como falta legal.

O jovem poeta taciturno que acompanhava Freud não podia gozar do presente maravilhoso por não poder suportá-lo como instante dentro de um fluxo de passado e de futuro, porque implicava suportar a finitude, sua própria transitoriedade. Ansiava um presente constante sem passado nem futuro, a eternidade, que resultaria somente da confluência da *Wunscherfüllung* com a *Befriedigung*; confluência que, graças à *Nachträglichkeit* freudiana aplicada a essa precoce observação de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1991b), adquire todo o valor de um incesto cumprido, principalmente quando se refere não tanto a um objeto que falta na realidade, mas sim a um objeto presente, mas atravessado pela lei de interdição. Assim, o jovem poeta adquire o valor de herói hamletiano em sua obcecada disjunção de ser ou não ser, ignorando que no humano a finitude inscreve sempre mais que a disjunção categórica, a transitoriedade conjuntiva do ser e não ser.

5. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 185 de: Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 183-185). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915]). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/Pf3uMYz>

Resumo

Revisando o texto de Freud *Sobre a transitoriedade*, postula-se que o núcleo conflitivo é a transitoriedade do próprio sujeito. A perpétua diferença entre *Wunscherfüllung* e *Befriedigung* impede a realização imaginária do eterno presente, e instala o fluxo temporal que aponta à finitude. Sempre o luto fundamental é pelo tempo. O jovem poeta taciturno que não gozava do presente, por sua transitoriedade, não suportava o instante dentro do fluxo temporal, como um fracasso na interdição do gozo com o real, o que define a proibição do incesto. Essa interdição é a única forma de “normalizar” como falta legal a falta ontológica de ser fora do tempo, daí advém um herói hamletiano que só suporta a disjunção entre ser ou não ser, e não contempla a conjunção real de ser e não ser, que define ao humano.

Palavras-chave: *Cumprimento de desejo, Satisfação, Temporalidade.*

Abstract

Reviewing Freud's text *The transience*, it is postulated that the conflictive nucleus is the transience of the subject themselves. The everlasting difference between *Wunscherfüllung* and *Befriedigung* prevents the imaginary realization of an eternal present, installing the temporal flow that points to finitude. The fundamental mourning is for time. The young taciturn poet, who could not enjoy the present due to its transience, could not bear the moment within the temporal flow, as a failure in the interdiction to enjoy the real, that defines the prohibition of incest. This interdiction is the only way to normalize as a legal lack the ontological lack of being outside of time. The young poet becomes a hamletian hero that can not consider the real conjunction of being and not being which defines the human.

Keywords: *Wish fulfilment, Satisfaction, Temporality.*

REFERÊNCIAS

- Eilenberger, W. (2019). *Tiempo de magos*. Madrid: Taurus.
- Freud, S. (1991a). Análisis terminable e interminable. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1991b). La interpretación de los sueños. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1992a). Duelo y melancolía. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1992b). Inhibición, síntoma y angustia. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).
- Freud, S. (1992c). Introducción del narcisismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1992d). La transitoriedad. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1916 [1915]).
- Freud, S. (1992e). Más allá del principio del placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Heidegger, M. (2013). *Etre et temps*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1927).
- Szpilka, J. (2020). Breve apunte sobre el dolor psíquico. *La época*, 25. Disponível em: <https://laepoca.apa.org.ar/Revistas/25-Dolor-Psiquico-y-duelos/Breve-apunte-sobre-el-dolor-psiquico>